METROPOLITANA

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

TEMPORADA OAM **2019 | 2020**

ORQUESTRA ACADÉMICA METROPOLITANA

ROBERT SCHUMANN E CAMILLE SAINT-SAËNS

SEXTA 24 JANEIRO - 21H00

AUDITÓRIO DA REITORIA
DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

António Rosado
Piano

Jean-Marc Burfin
e/ou Alunos do Curso
de Direção de Orquestra da ANSO
Direção Musical

António Rosado © Augusto Cabrita Filho

FUNDADORES

REPÚBLICA PORTUGUESA

LISBOA CÂMARA MUNICIPAL

PATROCINADOR PRINCIPAL

SANTA CASA Misericórdia de Lisboa

PATROCINADORES

El Corte Inglés

HOTEIS HERITAGE LISBOA

Vila Galé HOTEIS

PortoBay HOTÉIS · RESORTS

SPAUTORES

ROBERT SCHUMANN E CAMILLE SAINT-SAËNS

Robert Schumann (1810-1856)

Abertura Manfred, Op. 115 (1849)
(duração aproximada: 12 min.)

Camille Saint-Saëns (1835-1921)

Concerto para Piano N.º 2, em Sol Menor, Op. 22 (1868)
(duração aproximada: 23 min.)

I. *Andante sostenuto*
II. *Allegro scherzando*
III. *Presto*

Intervalo

Robert Schumann

Sinfonia N.º 3, em Mi Bemol Maior, Op. 97, *Renana* (1850)
(duração aproximada: 44 min.)

I. *Lebhaft* (Animado)
II. *Scherzo: Sehr mäßig* (Muito moderado)
III. *Nicht schnell* (Não muito rápido)
IV. *Feierlich* (Solene)
V. *Lebhaft* (Animado)

Manfred e a bruxa dos Alpes | Pintura de John Martin (1837) | Fonte: Wikimedia Commons

MANFRED EM SCHUMANN

Em 1849, Robert Schumann compôs uma série de peças destinadas a acompanhar uma representação cénica do poema dramático intitulado *Manfred* de Lord Byron, que fora publicado em 1817. Entre elas, só a abertura orquestral permaneceu no repertório corrente. É uma criação algo sombria que revela a faceta demoníaca de um herói torturado e possuído, carregada de cromatismos, melodias e ritmos obstinados.

Schumann nunca se distinguiu pela aptidão para escrever para orquestra. Pelo contrário, ressalta no seu catálogo a importância que deu ao piano, até porque era um extraordinário pianista. Para lá das centenas de peças a solo e canções, este instrumento predomina também na sua música de câmara e obras concertísticas. Já nas sinfonias, vislumbra-se frequentemente uma transposição linear da escrita do piano, desaproveitando a versatilidade orquestral. A este respeito, são célebres as críticas feitas pelo maestro Felix Weingartner, tal como as reorquestrações que Mahler não hesitou em fazer. Curiosamente, estas limitações de Schumann pareciam desaparecer quando se achava diante de uma fonte de inspiração extramusical. Aparentemente, as sugestões poéticas libertavam-no das amarras do classicismo.

É o caso da *Abertura Manfred*, que dava início à representação cénica do texto homónimo de Lord Byron. Byron foi uma figura singular no romantismo inglês, uma personalidade polémica, capaz de incendiar a imaginação de sucessivas gerações. Parte deste fascínio deveu-se ao carácter semi-autobiográfico das suas obras, que relatam factos reais de uma vida repleta de escândalos e episódios controversos – a angústia e o sentimento de culpa de Manfred reportam a uma caso incestuoso vivido pelo próprio poeta e que se tornou público, obrigando-o a exilar-se na Suíça. Acrescenta-se depois a dimensão ficcional do exercício literário, que introduz elementos sobrenaturais e estabelece afinidades entre Manfred e Fausto, de Goethe. Manfred vive num antigo castelo dos Alpes atormentado pela culpa e buscando remédio para a consciência na invocação de espíritos, e na redenção na morte, mas sempre desafiando os mais elementares conceitos da moral.

Figuras como Berlioz, Verdi, Tchaikovsky e Luís de Freitas Branco; estes foram alguns dos compositores que se inspiraram nesta personagem. No caso de Schumann, resultou uma partitura comparável ao que de melhor escreveu para piano. «Ilustra» musicalmente a figura do herói romântico, imersa nas contradições de uma existência predestinada sob forças que a transcendem. A música traduz este universo por intermédio de uma orquestração que favorece a tensão expressiva, alternando acordes agitados com ambientes lúgubres laboriosamente construídos.

CAMILLE SAINT-SÄENS AO PIANO

Camille Saint-Säens compôs cinco concertos para piano. O segundo foi escrito em 1868 e, entre todos, foi aquele que se tornou mais popular. É uma obra que presta tributo a vários estilos e compositores do passado. Apresenta passagens solísticas aparatosas, efeitos orquestrais de inspiração operática, uma espirituosidade lúdica que convida tanto à fantasia quanto ao drama.

Para a maioria das pessoas, o nome de Camille Saint-Säens é sobretudo conhecido pela assinatura d'*O Carnaval dos Animais*, porventura também da ópera *Sansão e Dalila*. Porém, o seu legado é bastante mais extenso do que isso. Para lá de mais de centena e meia de obras musicais, foi um dos intérpretes do piano e do órgão mais virtuosos do seu tempo e escreveu vários livros e ensaios sobre temas tão diversos como a astronomia e a poesia. Sem surpresa, o piano foi o instrumento ao qual dedicou maior atenção enquanto compositor, desde peças a solo até aos seus cinco concertos para piano e orquestra, dos quais se destaca aqui o segundo. Este concerto resultou do desafio que lhe foi lançado por outro pianista com quem costumava tocar em dueto, Anton Rubinstein. Numa ocasião em que este visitou Paris, o também célebre pianista russo teve a ideia de se dar a conhecer enquanto maestro na capital francesa. Em pouco mais de duas semanas o concerto estava pronto para os ensaios da estreia que teve lugar no dia 13 de maio de 1868 na Salle Pleyel e com o próprio compositor no lugar do solista.

O pianista polaco Sigismund Stojowski disse um dia que este Segundo Concerto para Piano de Saint-Säens «começa como Bach e termina como Offenbach». O humor desta descrição alude à diversidade de estilos e ambientes que é muito frequentemente criticada na música do compositor francês e que, manifestamente, também atravessa os três andamentos desta obra. Tudo começa de maneira contida, ainda que num tom vagueante que quase se parece com uma improvisação ao teclado, como se nos lembrasse uma tocata barroca. Mas com o passar do tempo percebe-se que se aguardam voos mais altos, em particular no desempenho do solista, que tem aqui uma obra que corresponde plenamente ao arquétipo do virtuosismo romântico tão apreciado naquela época – na realidade, ainda hoje o continua a ser. O segundo andamento logo se entrega nos ritmos de um *Scherzo* que remetem para Mendelssohn, e foi a secção da obra que desde logo entusiasmou o público. Tudo termina numa vigorosa tarantela com disposição algo circense.

Fotografia de Camille Saint-Säens (data desconhecida) | Fonte: Wikimedia Commons

Robert Schumann e Clara Schumann em 1847 | Fonte: Wikimedia Commons

A SINFONIA RENANA

Robert Schumann compôs quatro sinfonias. As números 2 e 3 foram aquelas que mais dúvidas levantaram junto dos críticos, em parte por terem sido as últimas a terem sido criadas, num período em que a saúde mental do músico se tornou mais inconstante. Mas o distanciamento histórico tem tratado de superar muitas dessas reservas. Quando hoje ouvimos os cinco andamentos da *Sinfonia Renana* (a terceira), saboreamos um belíssimo poema musical inspirado na cultura e nas gentes do rio Reno, transportados a meados do século romântico.

A meio do livro *Doutor Fausto*, escrito por Thomas Mann na década de 1940, a personagem principal lembra a ocasião em que ouviu a terceira sinfonia de Robert Schumann. Refere, a propósito, a opinião de um crítico que elogiava a sua «concepção do mundo abrangente» e realçava a importância que teve o Romantismo para que «a Música [se emancipasse] da esfera dos especialistas provincianos e das bandas municipais, para pô-la em contato com o grande mundo do espírito […]» É certo que o nome de Schumann se inscreve na tradição clássica centro-europeia, e que a erudição artística não se afirma hoje do mesmo modo. Mas a sua música irradia um instinto de liberdade e uma disposição poética verdadeiramente singulares, como bem o comprova esta sinfonia de 1850, que muitos associam às paisagens e às gentes do rio Reno. Não foi Schumann quem lhe atribuiu o título de *Renana*, mas sim o seu primeiro biógrafo, Eduard von Wasielewski, também Concertino na ocasião de estreia da sinfonia, em fevereiro de 1851. Na realidade, é uma alusão oportuna ao contexto em que a obra foi composta. No outono de 1850, Schumann mudou-se com a família para a região da Renânia para se tornar Diretor Musical da cidade de Düsseldorf. Foi o entusiasmo desse novo capítulo da sua vida que o motivou para compor o seu Concerto para Violoncelo e, logo de seguida, esta sinfonia, que seria a sua última composição sinfónica. De certo modo, pode ser entendida como uma descrição rústica de modos de vida e de paisagens, um pouco à maneira da *Sinfonia Pastoral* de Beethoven, com a qual coincide no número de andamentos, muito embora não faça alusões concretas com títulos atribuídos a cada uma das partes.

Tudo começa de maneira exuberante, com uma melodia jovial que percorre a orquestra. Surge depois um segundo tema introduzido pelo oboé e pelo clarinete, e começa a adivinhar-se uma partitura com grande consistência temática, por intermédio de material comum que atravessará toda a obra. Ainda assim, é música liberta de amarras escolásticas, fruto do livre arbítrio e da imaginação, da inspiração, da intuição, da subjetividade do inconsciente. Apresenta, desde logo, elementos pouco habituais, tais como a métrica ternária deste primeiro andamento. Já no segundo e terceiro andamentos convida-nos a imaginar paisagens reminescentes de uma ideia de passado, através da evocação de uma antiga melodia tradicional daquela região e de um Romanza plena de lirismo. O quarto andamento desenvolve-se num registo imponente e eclesiástico – a «Cena da Catedral». Terá sido inspirado numa curta deslocação que o músico fez à cidade de Colónia para assistir à cerimónia de empossamento como cardeal do arcebispo de Geissel. Em pleno processo criativo, trouxe consigo a ideia de utilizar o contraponto dos mestres da Renascença, para lá da solenidade do timbre dos trombones. No andamento final transparece a azáfama colorida de um dia de feira, alegre e animado, relembrando espaçadamente alguns temas que se ouviram anteriormente. Por sinal, a partitura termina com a mesma melodia solene que se ouviu na referida «Cena da Catedral».

TEXTOS DE **RUI CAMPOS LEITÃO**

ANTÓNIO ROSADO

PIANO

ARTISTA ASSOCIADO DA METROPOLITANA NA TEMPORADA 2019-2020

Dele disse a revista francesa *Diapason* que é um *"intérprete que domina o que faz. Tem tanto de emoção e de poesia, como de cor e de bom gosto."*

António Rosado tem uma carreira reconhecida nacional e internacionalmente, corolário do seu talento e do gosto pela diversidade, expressos num extenso repertório pianístico que integra obras de compositores tão diferentes como George Gershwin, Aaron Copland, Albéniz ou Liszt. Esta versatilidade permitiu-lhe apresentar, pela primeira vez em Portugal, destacadas obras como as Sonatas de Enescu ou paráfrases de Liszt, sendo o primeiro pianista português a realizar as integrais dos Prelúdios e também dos Estudos de Claude Debussy. No registo dos recitais pode incluir-se também a interpretação da integral das Sonatas de Mozart e Beethoven.

Atuou em palco, pela primeira vez, aos quatro anos de idade. Os estudos musicais iniciados com o pai tiveram continuidade no Conservatório Nacional de Música de Lisboa onde terminou o curso Superior de Piano, com vinte valores. Aos dezasseis anos parte para Paris, e aí vem a ser discípulo de Aldo Ciccolini no Conservatório Superior de Música e nos cursos de aperfeiçoamento em Siena e Biella (Itália).

Em 1980, estreou-se em concerto com a Orchestre National de Toulouse, sob a direção de Michel Plasson e desde essa data tem tocado com inúmeras orquestras internacionais e notáveis maestros como: Georg Alexander Albrecht, Moshe Atzmon, Franco Caracciolo, Pierre Dervaux, Arthur Fagen, Léon Fleischer, Silva Pereira, Claudio Scimone, David Stahl, Marc Tardue e Ronald Zollman.

Também na música de câmara tem atuado com prestigiados músicos como Aldo Ciccolini, Maurice Gendron, Margarita Zimermann, Gerardo Ribeiro ou Paulo Gaio Lima, com o qual apresentou a integral da obra de Beethoven para violoncelo e piano. Laureado pela Academia Internacional Maurice Ravel e pela Academia Internacional Perosi, António Rosado foi distinguido pelo Concurso Internacional Vianna da Motta e pelo Concurso Internacional Alfredo Casella de Nápoles. Estes prémios constituem o reconhecimento internacional do seu virtuosismo e o impulso para uma brilhante carreira, com a realização de recitais e concertos por todo o Mundo, e a participação em diversos festivais. Na década de 90, foi o pianista escolhido pela TF1 para a gravação e transmissão de três programas – música espanhola e portuguesa, Liszt e, por fim, um recital preenchido com Beethoven, Prokofiev, Wagner e Liszt. Desde a década de 80, participou inúmeras vezes no Festival de Macau, nomeadamente com a Orquestra Gulbenkian, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Sinfónica Nacional da China – no concerto inaugural do Centro Cultural de Macau – Orquestra de Xangai, Orquestra de Câmara de Macau e ainda com o clarinetista António Saiote.

O seu primeiro disco gravado na década de 80, em Paris, é dedicado a Enescu. Outros discos se seguiram, nomeadamente, as obras para piano de Vianna da Motta; um CD comemorativo dos 150 anos da passagem de Liszt por Lisboa; a Fantasia de Schumann e a Sonata de Liszt. Com o violinista Gerardo Ribeiro gravou as Sonatas para piano e violino de Brahms e com o pianista Artur Pizarro, um disco intitulado *Mozart in Norway*. Com a NDR Sinfonieorchestra de Hamburgo, gravou o Concerto n.º 2 e *Rapsódia sobre um tema de Paganini* de Rachmaninov. Em Portugal gravou os dois Concertos de Brahms com a Orquestra Nacional do Porto, em 2004 a integral das Sonatas para piano de Fernando Lopes Graça e em 2006 as oito suites "*In Memoriam Bela Bartók*" do mesmo compositor. Mais recentemente os Prelúdios de Armando José Fernandes e Luís de Freitas Branco e, em 2012, a integral das Músicas Festivas de Fernando Lopes Graça. Em 2016, lançou um disco com a Integral dos Prelúdios de Debussy (Calanda Music) e em 2017, com o apoio da Fundação GDA, lançou um disco de autor dedicado às Sonatas para violoncelo e piano de César Franck e Luís de Freitas Branco, com o violoncelista Filipe Quaresma.

António Rosado detém o prestigiado grau de *Chevalier des Arts et des Lettres*, distinção concedida pelo Governo Francês em 2007.

JEAN-MARC BURFIN

MAESTRO TITULAR DA ORQUESTRA ACADÉMICA METROPOLITANA

Entra em 1983 para o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde obtém, em junho de 1987 e por unanimidade do júri, o 1.º prémio de Direção de Orquestra na classe de Jean-Sébastien Béreau depois de ter feito os seus estudos nos Conservatórios de Nancy, Metz, Strasbourg e Reims.

Durante as masterclasses que frequenta, é encorajado pelos seus mestres Franco Ferrara, Charles Bruck, Pierre Boulez e Vitaly Kataev. Diplomado pela Academia de verão do Mozarteum, em Salzbourg, é convidado para dirigir a Orquestra do M.I.T. de Boston em 1984, ao lado de Lorin Maazel.

Na sequência de um seminário internacional em Fontainebleau, é notado por Leonard Bernstein e em julho de 1987 convidado para dirigir a Orquestra de Paris.

Em 1990/1991 recebe uma bolsa franco-soviética para aperfeiçoamento dos seus conhecimentos do repertório russo com Alexandre Dmitriev, no Conservatório Rimski-Korsakov de São Petersburgo.

No Concurso Internacional de Jovens Diretores de Orquestra de Besançon em 1991 foi finalista laureado, e recebeu um prémio especial da Orquestra da Rádio-Televisão de Moscovo através do seu Diretor Vladimir Fedosseiev.

Jean-Marc Burfin dirigiu várias orquestras, tanto em França como no estrangeiro (Colonne, Lamoureux, Pays de la Loire, Poitou-Charentes, Picardie, Potsdam Phillarmonie, Würtembergische Phillarmonie, Sinfónica de Oviedo, entre outras). Foi Diretor Artístico da Orquestra Metropolitana de Lisboa durante a temporada de 2003/2004.

Gravou um CD na editora Naxos, consagrado à obra de Vincent d'Indy.

Pedagogo reconhecido, é um dos raros maestros em atividade a ensinar direção de orquestra.

Atualmente é professor na Academia Nacional Superior de Orquestra e Maestro Titular da Orquestra Académica Metropolitana.

ORQUESTRA ACADÉMICA METROPOLITANA

A OAM estreou-se em 1993, na sequência da criação da Academia Nacional Superior de Orquestra – uma instituição única no país, destinada a formar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra. Desde o seu início, a OAM é orientada por Jean-Marc Burfin, seu maestro titular. Constituída inicialmente por menos de trinta elementos, a OAM é hoje uma formação sinfónica englobando cerca de 70 músicos. Com uma temporada que se

estende ao longo de cada ano letivo, a OAM mantém uma atividade regular de ensaios e concertos, apresentando-se não só na Área Metropolitana de Lisboa como também noutras localidades do país.

Com largas centenas de concertos realizados, abarcando um repertório que vai do Barroco à música do século XX, a OAM tem executado obras de compositores tão representativos como Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Brahms, Schubert, Mendelssohn, Mahler, Ravel, Debussy, Milhaud, Bartók, Hindemith, Stravinsky e Varèse, entre outros.

Para além do seu maestro titular, a OAM é habitualmente dirigida pelos alunos do Curso Superior de Direção de Orquestra. Muitos dos concertos contam com a presença de maestros convidados, tais como Jean-Sébastien Béreau, Pascal Rophé, Robert Delcroix e Brian Schembri.
A OAM possibilita ainda aos alunos da Academia a apresentação regular a solo com orquestra. Teve, ainda, o privilégio de tocar com vários solistas de renome como António Rosado, Gerardo Ribeiro, Paulo Gaio Lima, Liliane Bizineche, Francine Romain, Miguel Borges Coelho, Artur Pizarro, François Leleux e, num concerto humorístico, o quarteto italiano Banda Osíris.

Entre as suas deslocações, a OAM participou no Porto 2001 Capital da Cultura, num encontro internacional de orquestras de jovens onde tocou o *War Requiem* de Britten. Fez várias digressões pelos Açores e esteve no VII Ciclo Internacional de Orquestras Universitárias, em Saragoça, e subiu ao palco do Theâtre de la Monnaie, em Bruxelas. Na presente temporada tem agendados cinco programas diferentes, participando ainda nos concertos da Orquestra Sinfónica Metropolitana, nomeadamente nos Dias da Música em Belém.

A Academia Nacional Superior de Orquestra é uma instituição única no país, pela forma como interliga a formação com a prática musical. Especificamente destinada a preparar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra, o ensino aqui ministrado baseia-se num acompanhamento individual especializado, na prática de música de câmara e numa componente teórica complementar, sendo a Orquestra Académica Metropolitana o eixo central da formação destes jovens músicos. Os resultados pedagógicos são bem evidentes pelo número de alunos premiados em concursos de renome, pelas admissões dos estudantes aqui formados nas melhores escolas internacionais e pela alta taxa de empregabilidade destes jovens quando chegam ao mercado de trabalho.

© David Rodrigues

FLAUTAS
MARIANA PAIVA
RICARDO CARDOSO
SARA SÁ
SOFIA ALCÂNTARA

OBOÉS
CARMINHO AZEREDO
JOÃO BALEGAS
PEDRO CAPELÃO

CLARINETES
ANA CATARINA PINTO
DANIELA PINHO
DUARTE VALE
EMMA AMORIM

FAGOTES
ANTÓNIO ANDRADE
ERLINE MOREIRA
SARA MAIA

TROMPAS
CAROLINA MORTE
FILIPE LOPES
HELENA GABRIELA
HUGO MORGADO
LILIANA MARQUES
LÚCIA MARQUES

TROMPETES
ALEXANDRE ALMEIDA
CARLOS LOPES
MARIA CAROLINA BATISTA
TIAGO SOARES

TROMBONES
RUI CORREIA
LUÍS OLIVEIRA
DIOGO RAMOS

TÍMPANOS /PERCUSSÃO
EDUARDO MACHADO
ANA BEATRIZ SOUSA

1.º VIOLINOS
CAROLINA DUARTE
CAROLINA PIMENTA
DIANA ESTEVES
XAVIER PEREIRA
SÓNIA FIGUEIREDO
BEATRIZ TOMÁS
LÚCIA SALVADO
SIMÃO MASON
LEONARDO GUEDES
INÊS MARQUES
CRISTIANA HERCULANO
CLARA RAMOS

2. º VIOLINOS
MIGUEL FERREIRA
MATILDE PINHO
ANDRIA BANDJAI
MAFALDA CLEMANTE
BERNARDO SOUSA
INÊS CARMONA
MARIANA SANTOS
LUÍS SANTOS
INÊS FERREIRA
ANDRÉ LEAL

VIOLAS
PEDRO PIRES
FRANCISCA BONACHO
ANA RUSSO
EDNEY FÉLIX
RAQUEL CLAUDINO
SARA VALENTIM *

VIOLONCELOS
RODRIGO BRITO
ANDRÉ CASAL
ALESSIO CUNHA
BEATRIZ LOUSAN
LEONOR MONIZ
MÓNICA MARTINS
LUÍSA PAREDES
BEATRIZ PERESTRELO

CONTRABAIXOS
JOÃO PEDRO LOBO
RENATO ANDRADE
MARIANA FERNANDES

*** Convidada**

METROPOLITANA

FUNDADORES

Presidência do Conselho de Ministros - Ministro da Cultura
Ministério da Educação
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo / Turismo de Portugal, IP
Secretário de Estado da Juventude e do Desporto

PROMOTORES

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

PARCEIROS EM 2020

Câmara Municipal de Almada
Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal

PARCEIRO DO PROGRAMA "MÚSICA E CIÊNCIA"

PATROCINADOR PRINCIPAL

PATROCINADORES

INSTITUIÇÕES AMIGAS DA METROPOLITANA 2020

PARCERIAS

Antena 2 | São Luiz Teatro Municipal | Universidade Nova de Lisboa | Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa | CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão | Casa Fernando Pessoa
Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva | Secretaria-Geral da Educação e Ciência

www.metropolitana.pt facebook.com/metropolitanalx | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

Este concerto pode ser filmado e/ou fotografado pela organização. Caso não autorize o registo da sua imagem contacte o Relações Públicas da Metropolitana no local.

PRÓXIMOS CONCERTOS

L'ELISIR D'AMORE ATELIÊ DE ÓPERA DA METROPOLITANA 2019/2020

SEXTA 31 JAN. - 20H00 | **DOMINGO 2 FEV. - 16H00** CCB

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA | **CORO SINFÓNICO LISBOA CANTAT**
SOLISTAS **PARTICIPANTES NO ATELIÊ DE ÓPER DA METROPOLITANA 2019/2020**
DIREÇÃO CÉNICA E VOCAL **JORGE VAZ DE CARVALHO**
MAESTRO DO CORO **JORGE CARVALHO ALVES**
DIREÇÃO MUSICAL **PEDRO AMARAL**

Gaetano Donizetti *L'elisir d'amore*

BILHETES À VENDA Preçário: 15€ a 17,50€
CCB Na bilheteira do CCB / Todos os dias - 11h00 > 20h00 / Na Ticketline e locais habituais

BEETHOVEN: 250 ANOS!

DOMINGO 9 FEVEREIRO - 16H00 TEATRO THALIA

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
MARTA MENEZES PIANO
PEDRO AMARAL MAESTRO

Ludwig van Beethoven Concerto para Piano e Orquestra N.º 1, Op. 15
Ludwig van Beethovenn Sinfonia N.º 7, Op. 92

BILHETES À VENDA Preçário: 16€
Na Ticketline e locais habituais
Reservas / Info: Ligue 1820 (24 horas) / 21 361 73 21
Na Sede da Metropolitana, segunda a sexta-feira - 10h30 > 17h30
No dia e local do concerto, a partir das 20h00